

Ciências e técnicas do medo: o contraponto de Albert Camus ao medo e à violência como políticas de Estado

Science and techniques of fear: Albert Camus' s counterpoint to the violence and fear as state policies

Emanuel R. Germano

emanuel.germano@ufc.br

Professor Adjunto de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal do Ceará

Resumo

O estudo de um conjunto de conferências de Albert Camus, em 1946, em meio à depuração francesa e às expectativas revolucionárias típicas de seu tempo, permite entremostrear a repercussão última de sua filosofia *multi-expressiva*, a saber, um engajamento ético e político lúcido em relação à preservação da vida efetiva, em sua fragilidade radical, como compromisso assumido frente às exigências endossadas pelas doutrinas e filosofias da ordem, da eficácia, do progresso ou da indiferença à história. Notaremos, também, a inscrição da imagem no projeto ético e filosófico de Camus, que inclui o testemunho dos dramas de seu tempo: trata-se, em efeito, do esboço de uma política "anti-platônica" da *narração*. Por fim, poder-se-á avaliar o rigorismo hamanista da concepção de engajamento intelectual de Albert Camus – o pensador necessita "embarcado em seu tempo", "testemunhar" contra "a peste" da indiferença.

Palavras-chave: Estado; Técnica; Medo; Engajamento; Política; História.

Abstract

The study of a set of references of Albert Camus, in 1946, among the French depuration and the revolutionary hopes typical of his time, allow us to display the ultimate repercussion of his multi-expressive philosophy, i.e., a lucid ethical and political commitment regarding the preservation of the affective life in its radical fragility, as an assumed commitment facing the demands endorsed by the doctrines and philosophies of order, efficacy, progress, or indifference towards history. Finally, one will be able to evaluate the hamanist rigorism of the conception of Albert Camus' intellectual commitment – the thinker needs, "embarked on his time", to "testify" against "the pest" of indifference.

Key words: State; Technique; Fear; Commitment; Politics; History.

"Justa é a guerra quando só nas armas reside a esperança"(*Exortação ao Príncipe para livrar a Itália das mãos dos bárbaros* – (Maquiavel, N. *O Príncipe*.)

"O objetivo visado de um castigo não é a vingança, mas o terror que ele inspira. (Hobbes, T. *Leviatã*.)

"O século XVII foi o século das matemáticas, o século XVIII, da física, o século XIX, da biologia. O nosso século XX é o século do medo." (Camus, A. *Nem vítimas, nem carrascos*.)

Na mesa-redonda promovida pela revista *Civilization*, em novembro de 1946, à pergunta "o que pode e deve ser salvo?"¹ Albert Camus responde por intermédio de uma longa elocução bastante clara e minuciosa, de começo, reformulando e precisando à questão proposta pelos editores: "«Qual é o destino do indivíduo?» Nós todos sabemos, todos nós pressentimos que ele vai ser morto(...)Se nós queremos salvá-lo, então duas questões se impõem. Primeiramente: quais são os princípios de fraqueza que no indivíduo de hoje, lhe conduzem a ser sacrificado mais cedo ou mais tarde? E, em segundo, quais são os fatores exteriores, históricos e ideológicos que ameaçam o indivíduo e o sacrificarão mais cedo ou mais tarde?"²

Para Camus, os princípios de fraqueza do homem contemporâneos são o "individualismo anárquico" que está "ultrapassado pela história" e que "nós carregamos em nós mesmos"³ e a inclinação à solidão - ao esquecimento da existência dos outros - noutras palavras, a tentação da indiferença: "estou profundamente convencido de que o homem não está só."⁴ Para Camus, é, afinal, de começo, a própria psicologia do homem contemporâneo, fundada no individualismo e na indiferença, que lhe conduz "a ser sacrificado mais cedo ou mais tarde."⁵

Do ponto de vista dos fatores exteriores que o ameaçam, continua Camus, o fator que, de começo, promove o sentimento dominante de medo é "o silêncio" - "Não há mais diálogo possível num mundo aonde todos são surdos"⁶ : "O que aprendemos nestes anos é que não podemos viver senão num mundo aonde entretendo com um homem raciocínios humanos, receberemos reações humanas. Ora, aprendemos que há espécies de homens com os quais de nada vale entreter raciocínios humanos. Nenhum dos internos dos campos de concentração teria tido a idéia de persuadir aos S.S. que deles se ocupavam, de que não deveriam fazê-lo. Deste ponto de vista, nós estamos num mundo do silêncio, ou seja, da violência."⁷

Depois, continua Camus (elencando as forças que alquebram o homem contemporâneo) "a abstração" do homem singular, dissolvido pelas ideologias e pelas burocracias de Estado: "num plano técnico, de mais em mais, a presença humana, o contato humano é substituído pelo instrumento mecânico. Isto é válido também no plano social pois há um fenômeno internacional chamado de burocracia que faz que em todos os escalões da relação com o Estado não se incida jamais numa pessoa humana."⁸

"Uma terceira característica da época atual", continua Camus, "é a substituição progressiva e inevitável do homem real, do homem de todos os dias, do homem concreto, pelo homem histórico." ⁹ "Mais e mais", adverte Camus em tom sombrio, "estamos ideologizados politicamente..." ¹⁰

¹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 678. A pergunta é lançada em meio a uma discussão da qual participam também Jean Wahl e Maurice de Gandillac, no momento em que Georges Friedmann admite a existência de um denominador comum entre a América e a U.R.S.S - o advento da "«civilização técnica»", que impõe uma clivagem absoluta entre "«meio urbano» e «meio natural»", conduzindo à "mecanização da vida" e produzindo "alienação social" (OC, II, pp.677-8).

² CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 678.

³ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 678.

⁴ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 678.

⁵ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 678.

⁶ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes*, II. p. 687.

⁷ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 679.

⁸ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 679.

⁹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 679.

¹⁰ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 679.

Sublinhemos que Camus atribui esta desumanização progressiva do homem, à ideologização progressiva da sociedade, no sentido que é o domínio dos discursos pré-fabricados e das doutrinas de segurança que impermeabilizariam as reações e percepções efetivamente humanas. Se, na experiência *humanizada* da comunicação, existe bem mais do que simples *troca de palavras*, é necessário, sobretudo, um esforço de reconhecimento do outro¹¹, fenômeno idêntico de refração ocorre nos testemunhos às atrocidades cometidas em nome deste duelo entre concepções de civilização: a observação dos fatos está desviada, diluída ou corrompida pelo verniz dos pressupostos políticos. Camus declara: "*Vocês sabem, mais e mais a política interfere em suas reações e em suas maneiras de considerar o mundo.*"¹²

Arriscando uma analogia filosófica ilustrativa, se é, afinal, "*o silêncio eterno dos espaços infinitos*"¹³ que amedronta o pós-copernicano Pascal, é "*o silêncio eterno do diálogo pelos códigos da política da eficácia*", refratário, que apavora o filósofo testemunha de Auschwitz e de Hiroshima¹⁴: "*amanhã será o monólogo do vencedor e o silêncio do escravo.*"¹⁵

Camus ressalta a dissolução da singularidade humana face o apogeu da abstração das ideologias, dos discursos pré-fabricados da política, e o esvair dos denominadores comuns que tornam a comunicação e conseqüentemente, o reconhecimento dos homens entre si possível: "*O que em nós foi destruído foi a eterna confiança no homem que sempre lhe fez crer que se poderia retirar de outro homem, reações humanas, falando-lhe a linguagem da humanidade. Nós vimos mentir, aviltar, matar, deportar, torturar, e a cada vez, não foi possível persuadir aos que o faziam, que o fizessem, porque eles estavam seguros de si e porque não se persuade uma abstração, a saber, o representante de uma ideologia.*"¹⁶

É uma crise de reconhecimento do outro, a perda de um coeficiente comum da humanidade que Camus detecta em seu tempo, e que sintetiza pelo impasse comunicativo: "*o longo diálogo dos homens acaba de se interromper. E, entenda-se, um homem a quem não se pode persuadir é um homem que amedronta.*"¹⁷

Outra característica que ameaça o homem de sua época, assinala Camus, é "*a vontade de potência*": "*É por isso que os homens tem razão de ter medo, pois num mundo como esse é sempre por acaso ou por uma boa vontade arbitrária que sua vida ou de seus filhos é poupada.*"

18

Segundo o diagnóstico de Camus na mesa-redonda de *Civilization*, este conjunto de características - o **silêncio** refratário produzido pelas ideologias, a **abstração** e a alienação produzida pelas burocracias de Estado, o **esquecimento da dimensão concreta do homem** e multifacetada da vida e a **vontade de potência** disseminada pelas concepções de política, de

¹¹ Quando esta experiência de interlocução é mediada pela cifra das ideologias, mesmo havendo diálogo, não há comunicação e o que impera é o silêncio amedrontador.

¹² CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 679.

¹³ "*Le silence éternel de ces espaces infinis n'éffraie.*" (Pascal, B. *Pensées*.L.201-Br.206)

¹⁴ Talvez seja interessante ressaltar que na origem destas duas "apreciações" estaria a conscientização lúcida da fragilidade humana. "*Entre nós e o inferno, ou o céu, há apenas a vida, a coisa mais frágil do mundo.*" Pascal, B. *Pensées*. (L.152-Br.213))

¹⁵ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes, II*. p. 687.

¹⁶ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.610. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 332.)(OC, p.437).

¹⁷ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.610. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 332.)(OC, p.437).

¹⁸ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 679. CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes, II*. p. 687.

ordem, de progresso, em suma - de história - configuram a doença de uma época, que se manifesta no sintoma contagioso e paralisante do "terror"¹⁹.

E, diga-se com todas as letras: é o terrorismo de Estado a preocupação central de Camus.

Medo calculado pelos aparelhos "legítimos" do Estado, planejado meticulosamente pelas doutrinas de segurança - aplicados em escala interna e externa pela geopolítica internacional do realismo.

Como já mencionava o primeiro artigo de *Nem vítimas nem carrascos*, que aparece no jornal *Combat* em 19 de novembro de 1946²⁰: "O século XVII foi o século das matemáticas. O século XVIII o das ciências físicas e da biologia. O nosso século XX é o século do medo."²¹ Neste artigo, Camus prossegue notando que a civilização contemporânea de seu tempo se aprimora no ideal *hobbesiano* de tornar, mais do que nunca, o medo, uma técnica de controle social: "se o medo em si não pode ser considerado como uma ciência, não há dúvida que ele seja, entretanto, uma técnica."²²

À luz recente de Hiroshima, noutro artigo, em 8 de agosto de 1945, Camus critica de modo veemente geopolítica do medo, escolha fulcral da modernidade, questionando os rumos da "civilização mecânica" - e também da ciência - confrontada ao "seu último degrau de selvageria":²³ "seus últimos progressos teóricos ameaçam negá-la a si própria, e visto que seus aperfeiçoamentos práticos ameaçam a terra inteira de destruição."²⁴

Segundo Camus, é uma engrenagem fatal a que deriva do medo, o silêncio. É da geopolítica do medo que o silêncio se deriva.

Este homem mecanizado, dominado pelo medo, traumatizado pela guerra cotidiano, silenciado pela indiferença e pela absurdidade sem esperança "segrega desumanidade", segundo Camus, pois se encontra aprisionado pelo fatalismo.

Eis o aspecto barroco das escatologias, seja da história, seja do sucesso.

A engrenagem da morte se apoderou do homem: Ele não fala mais a linguagem humana, apenas decanta a cifra das doutrinas, e mata por procuração: "Hoje, ninguém fala mais (salvo os que se repetem), pois o mundo nos parece conduzido por forças cegas e surdas que não ouvem os gritos de advertência, nem os conselhos, nem as súplicas. Alguma coisa em nós foi destruída pelo espetáculo desses anos que viemos de passar."²⁵

São estas observações de *Nem vítimas, nem carrascos*, que inspiram a fala de Camus no debate em *Civilization*.

¹⁹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 679-80. "...dos

²⁰ A publicação segue nos dias 20, 21, 23, 26, 27, 29 e 30 de novembro de 1946. O título geral, *Nem vítimas nem carrascos*, que aparece em primeira página, em grandes letras, é retomado a cada novo artigo. Lembremos que Merleau-Ponty publica *Humanismo e Terror* em *Les Temps Modernes* entre outubro e dezembro de 1946 e julho de 1947.

²¹ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.609. *Ni victimes ni bourreaux, Combat 19 novembre 1946*.

²² CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.609. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 331.)(OC, p.436).

²³ CAMUS, A. *Essais*, 291-3. *Combat 08 octobre 1945*.

²⁴ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.609. *Ni victimes ni bourreaux, Combat 19 novembre 1946*. (*Essais*, 331.)(*Oeuvres Complètes*, p.436)

²⁵ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.609. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 331.)(OC, p.436).

Paralisado pela alquimia do terror²⁶, o mundo contemporâneo se conforma ao fatalismo apregoado pelos senhores da guerra, pelas políticas do medo, *esquecendo* em seu presente *vazio* dominado pela idéia de futuro, valores norteadores anteriores às expectativas de felicidade e de sucesso suggestionadas pelas ideologias: *"na medida em que o homem crê no progresso inevitável, na medida em que o homem crê numa lógica histórica inevitável, crê por exemplo, que, da sociedade feudal deve fatalmente suceder à anarquia primeira, que as nações devem sair deste estágio feudal para o internacionalismo, ou se preferem, a Sociedade das Nações, e, em seguida, para a sociedade sem classes, e, se baseando sobre este raciocínio absoluto, estabelece estes objetivos históricos que se trata de atingir acima dos valores(...)Se, pois, nos baseamos no racionalismo absoluto ou na idéia de progresso, qual quer que ela seja, nós admitimos o princípio de que os fins justificam os meios."*²⁷

As conseqüências lógicas desta submissão incondicional e fatalista à concepção materialista da história, que reduz a vida ao progresso, segundo Camus, são palpáveis nos crimes praticados, legitimados ou esquecidos em nome da racionalidade política contemporânea: *"se é inevitável que devemos chegar a esta sociedade sem classes, não iremos hesitar na escolha dos meios, e a mentira, a violência, o assassinato do homem, podem ser lamentáveis no costume das pessoas, mas, em todo caso, não devem ser recusados, se, ao que se deve chegar, é uma coisa inevitável, histórica e desejável."*²⁸ Fatalismo maquiavélico idêntico, fundamenta o cotidiano tautológico da sociedade (capitalista) da indiferença, consolidada numa escatologia do sucesso: *"Todo mundo hoje quer sucesso, pelo dinheiro ou pelo jogo. Todo mundo quer triunfar(...)Tem-se razão quando se consegue. E quanto mais se consegue, mais se tem razão. No limite é a justificação do assassinato."*²⁹

E para Camus, o problema que se manifesta em todos os domínios da ação, incluindo aí a tentação do fatalismo que circunda a contemporaneidade, é o de como se opor aos refinados instrumentos coercitivos e deterministas da história, na absoluta *"ausência de valores"*. Ele diz, *"não possuímos nenhum Valor fundamentado a opor"* às ideologias *"e se não temos nenhum valor – e me limito a constatar um estado de fatos – estamos no nihilismo."*³⁰ Camus explicita a dimensão histórica do eclipse dos valores humanos, intimamente ligado, a seu ver, ao conformismo e a indiferença: *"as pessoas que não acreditavam em nada durante a guerra, não tinham nada a dizer à Hitler porque sob este aspecto, o nihilismo absoluto tem o mesmo efeito que o racionalismo absoluto."*³¹

Neste ponto, a elocução de Camus, procurando sintetizar as forças que dilaceram o homem contemporâneo, deixa o terreno do diagnóstico da civilização e procura alçar uma dimensão *"prescritiva"*³², ainda que modesta para a época: *"Se pensamos que, de uma parte, o*

²⁶ *"Me parece incontestável que vivemos num mundo do terror, e com a sensação mais ou menos confusa, mais ou menos precisa do terror."* CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II.* p. 679.

²⁷ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II.* p. 679-80. *"...dos valores que estamos habituados por educação ou pré-julgamentos considerados como válidos."*

²⁸ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II.* p. 680.

²⁹ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes, II.* p. 687.

³⁰ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II.* p. 680.

³¹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II.* p. 680.

³² O *Dicionário Houaiss* concede uma definição do verbete "prescrição" exata do sentido que pretendemos atribuir à dimensão "edificante" do pensamento de Camus: "conjunto das medidas não-cirúrgicas (medicamentos, dietas,

indivíduo tem seus erros, de outra, que ele está diante de fenômenos coercitivos, nós devemos então nos dizer que é necessário se opor tanto quanto possível a este destino."³³

É neste panorama no qual coabitam o declínio do homem e o eclipse dos valores que, afinal, Camus inscreve seu engajamento *alternativo*, a necessidade de estabelecer "as condições necessárias de um pensamento modesto"³⁴: "o empreendimento do pensamento, da reconstrução, da conciliação dos aspectos contraditórios, não pode se fazer numa atmosfera de **medo**."³⁵

Camus almeja criar a possibilidade de um pensamento interrogante, capaz de se construir à medida que constrói o presente, ao invés de suprimi-lo na esperança de futuro.

Ao invés de buscar construir uma verdade pré-determinada, tratar-se-ia de construir as condições da própria busca.

Para tanto, seria preciso fomentar, não a uniformização das expectativas de futuro, mas a liberdade da experimentação, da criatividade e do questionamento, forças de re-construção de uma realidade presente permeada por aspectos contraditórios: "As pessoas que não possuem Verdade absoluta não querem matar ninguém e pedem que não matem ninguém. As pessoas almejam procura a verdade e para tanto precisam de certas condições históricas que permitam esta procura."³⁶

Assim segundo a *prescrição* de Camus, como paliativo para o "terror" generalizado do "outro" seria preciso dismantelar, primeiramente, o terrorismo de estado, "para talvez aliviar as tensões"³⁷. Antes de tudo seria necessário, afinal, "salvar os corpos para que o futuro seja possível"³⁸, o que significaria "exigir a supressão da pena de morte(...)Se isto puder ser feito(...)é o único procedimento que pode hoje salvar o indivíduo."³⁹

Moralmente intransigente, o "pensamento modesto" de Camus se contrapõe diretamente à "vontade de potência" da política em vigor em sua época - mesmo em sua roupagem socialista. Neste sentido, se o engajamento de Camus é compreendido como comedido do ponto de vista do ele político reformista típico de seu tempo, notemos, entretanto, que do ponto de vista moral e ético ele se mostra até mesmo rigorista: "...a política deste mundo, qual que ela seja, é baseada na **vontade de potência**, no realismo e, conseqüentemente, em princípios que são falsos, **nós devemos rejeitá-los totalmente e retirar totalmente a confiança depositada à todos os governos, quaisquer que eles sejam.**"

Mas, se do ponto de vista da conduta ético-político Camus é moralmente rigorista na medida em que de fato insiste em reunir - como acusa Sartre⁴⁰- política e moral, é do prisma da responsabilidade do intelectual que o filósofo mediterrâneo se mostra verdadeiramente

outros cuidados)determinados pelo médico para o tratamento dos doentes."(HOUAISS, A.*Dicionário da língua portuguesa*). À doutrina(intervenção cirúrgica), Camus oporia sua prescrição(isenta de dogmatismos, menos periclitante do ponto de vista do doente).

³³ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 680. Vale antecipar: eis uma chave de leitura valiosa para *O Estrangeiro*.

³⁴ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

³⁵ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681. Diga-se de passagem: Eis uma boa definição do pensamento segundo Camus - pensamento dos limites como veremos oportunamente - delineado pela premissa da modéstia: reconstrução, conciliação dos aspectos contraditórios.

³⁶ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

³⁷ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

³⁸ CAMUS, A. *Ni victimes ni bourreaux*.

³⁹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

⁴⁰ BEAUVOIR, S. *La force des choses*.p.152

intransigente principalmente se imaginamos a audiência esperançosa, majoritariamente *socialista*, isto é, revolucionária, que escuta sua enfática exposição: “**todos aqueles que, direta ou indiretamente, aprovam princípios deste tipo devem se considerar como assassinos e admitir que até o momento eles agiram como assassinos, indiretamente, e por vezes diretamente.**”⁴¹ Camus conclui “*não se pensa mal porque se é um criminoso, se é um criminoso porque se pensa mal.*”⁴² É a sina do “crime lógico” que ocupará *O Homem Revoltado* que Camus prenuncia aqui: “*Se o mundo é conduzido por falsos princípios se produz matematicamente o crime e o assassinato.*”⁴³

É neste sentido que podemos considerar a alternativa de engajamento proposta por Camus, não obstante estando fundamentada na premissa da modéstia, - forjada sob o signo da incompletude e da interrogação -, de algum modo, dotada de significativa radicalidade do prisma tanto ético-político, quanto do ângulo histórico-filosófico. O engajamento camusiano, afinal, lida com as exigências do presente como quem, efetivamente, se responsabiliza pelos aspectos obscuros da história⁴⁴, procurando neste momento crucial do pós-guerra não apenas “não acrescentar” à “miséria humana” - como se tratava nas *Lettres à um ami allemand* - mas, combatê-la, como podemos observar pela atmosfera tanto da fala da mesa-redonda de *Civilization* quanto do texto elaborado na mesma época, que, não por acaso, se intitula *Nós os assassinos*: “**...se não podemos suportá-la, devemos denunciá-la. E a primeira coisa é justamente incitar este grito de revolta.**”⁴⁵

Em ambos os casos, delineia-se uma concepção intransigente da responsabilidade do intelectual. Trata-se de emitir uma mensagem clara aos filósofos de plantão - que *molham suas penas no sangue e não na tinta* - entrincheirados em suas belicosas escolas e universidades, da barricada dos birôs ou sitiados nos cafés: “*as pessoas crêem que se fez bem o bastante não matando ninguém diretamente. Mas na verdade, nenhum homem pode morrer em paz se não fez tudo o possível para que os outros vivam...*”(“...”)“*Que um só homem possa justificar os princípios que conduzem à guerra e ao terror e haverá guerra e terror(...)*Existe terror porque os valores humanos foram substituídos pelos valores do desprezo e da eficácia, a vontade de liberdade pela vontade de dominação.”⁴⁶

Camus explicita seu contraponto ferrenho em relação ao eã filosófico de seu tempo: “**...àqueles que vivem num mundo como esse sem condená-lo com todas as suas forças são, à sua maneira, tão assassinos quanto os outros.**”⁴⁷

Camus propõe-se, por conseguinte, empreender uma empreitada que é antítese daquela empreendida pelos seus colegas da revista *Les Temps Modernes* quando enaltecem uma teoria da responsabilidade sobre a ação histórica, de caráter realista, que, no limite, da perspectiva de

⁴¹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

⁴² CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

⁴³ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

⁴⁴ Camus execra àqueles “que não tem vontade de pensar muito tempo na miséria humana, preferindo falar de maneira muito geral e dizer que esta crise do homem é de todos os tempos...” (CAMUS, A. *Nous autres meurtrières. Oeuvres Complètes*, II. p. 686.)

⁴⁵ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes*, II. p. 686.

⁴⁶ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes*, II. p. 687.

⁴⁷ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes*, II. p. 687.

Camus, legitima filosoficamente o crime de Estado, como diz Beauvoir, "*conscientes de que o moralismo era a última cidadela do idealismo burguês.*"⁴⁸

Camus, por sua vez, se engaja na construção de um "novo contrato social", no qual o assassinato não seja legitimado por políticas de estado: "*Trata-se de tomar partido.*"⁴⁹ Como ele diz algures, "*cada palavra engaja.*"⁵⁰

A sociedade contemporânea refuga o homem coagindo-o em direção à morte por intermédio das engrenagens do fatalismo e da indiferença: É esta a temática central de *O Mito de Sísifo*.

A filosofia do "realismo político" é apreendida por Camus como a dimensão mais sofisticada desta engrenagem da morte. (assunto que ocupará *O Homem Revoltado*)

Pois bem, do balestreiro camusiano é necessário denunciá-la, incitar o grito de revolta⁵¹ contra à "atroz miséria deste mundo" (*Lettres*), contra às pestes da indiferença e da violência, mas também, sublinhamos, buscando restaurar valores necessários à preservação do binômio homem e mundo em contraponto ao niilismo contemporâneo. É o que Camus chama de "exercer a predicação"⁵²: "*se os valores exemplares podem ser propostos em oposição a estes valores da potência, eu diria que haveria uma chance sobre mil para que o indivíduo possa ainda conservar seu lugar num mundo que ameaça suprimi-lo totalmente.*"⁵³

Seria talvez interessante relembrar um trecho do relato da conversa sobre os rumos do engajamento pós-guerra com Koestler, Sartre, Merleau-Ponty e Sperber nos cadernos de Camus que reforçam a postura de comprometimento pela restauração de justos valores capazes de repor à intenção moral no seio do projeto político contemporâneo em contraponto à lógica da eficácia: « *Vocês não crêem que nós somos todos responsáveis pela ausência de valores? E que, se nós, que viemos do nitschianismo, do niilismo e do realismo histórico, nós disséssemos, publicamente, que nos enganamos e que existem valores morais e que doravante nós faremos o que for necessário para lhes fundar e lhes ilustrar, vocês não crêem que seria o começo de uma esperança?*»⁵⁴

Camus equilibra pessimismo, persistência e modéstia, também no pronunciamento na mesa-redonda de *Civilization*, preferindo prescrever uma lenta construção da realidade presente pela renovação do "estilo de vida"⁵⁵ pelos valores humanos, face aos empreendimentos de morte

⁴⁸ BEAUVOIR, S. *La Force des Choses*. p.151.

⁴⁹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 682.

⁵⁰ CAMUS, A. *Combat Clandestin*, nº 58, juillet 1944. *Cahier Albert Camus 8*, p.136.

⁵¹ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers*. *Oeuvres Complètes, II*. p. 686.

⁵² "Prédication" in CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 682.

⁵³ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 682. Vale talvez antecipar uma chave de leitura para *O Estrangeiro* colaborando na tese da intertextualidade ética entre a dimensão literária e política do engajamento de Camus: o amante da vida se encontra, afinal, como estrangeiro num mundo elaborado para a morte. Como já diagnosticara *O Mito de Sísifo* notando a perda do sentido da existência, a sociedade contemporânea refuga e impulsiona o homem em direção à morte, pelos mecanismos, mais e menos sofisticados da indiferença, sendo que as filosofias da história para Camus são vistas como a dimensão mais sofisticada deste mecanismo de anulação do homem efetivo. Opiniões partilhadas por Kostler em *Zéro et Infini*.

⁵⁴ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II. Carnets*. *Cahier V*.p.1073-4.

⁵⁵ CAMUS, A. *Ni victimes ni bourreaux*.

cirúrgicos e calculados de seu tempo: *"esta ação teria algo como uma chance sobre mil. Não é uma boa razão para não tentar."*⁵⁶

Paira uma atmosfera barroca sobre este dilema, pois, afinal - como na aposta imaginada por Pascal - no que tange à aposta pela vida num mundo tangenciado para morte, *"quem perder já estará perdido."*⁵⁷

Deste modo, procurar prescrever o exemplo moral, a "utopia relativa" do honesto, face ao caráter maquiavélico da política, num mundo eivado pelo dilaceramento da desmedida é, afinal, busca por um prisma político possível além de desejável, visto que, nos termos de *Nem vítimas nem carrascos*, as outras utopias são comprovadamente bem mais "onerosas".

Vale ressaltar que a "predicação" dos valores humanos, a terapêutica do *honesto* em Camus, assim como em Montaigne ou em Pascal (herdeiro crítico de Montaigne) nasce de uma análise absolutamente pessimista da política e da história.

Tomando em Montaigne, *O útil e o Honesto* por paradigma, o exemplo de Epaminondas contrasta com dezenas de outros exemplos da mal-sucedida prática universal da infâmia na política: *"...os direitos da virtude precisam sobrepor-se a qualquer outros. Coloquei Epaminondas entre os homens mais eminentes; não volto atrás pois ergueu muito alto o que considerava ser seu dever pessoal. Jamais matou um vencido; ainda que fosse para libertar seu país ou houvera eliminado um tirano ou seus cúmplices sem ser pelos meios legais; e julgara perverso quem não poupasse o amigo porventura militando nas fileiras do inimigo. Rica era sua alma, pois nas mais violentas e rudes ações humanas permanecia bom e generoso e isso nas condições mais delicadas previstas na filosofia"⁵⁸ (...) *Aprendamos pois com tão nobre modelo...*"⁵⁹ Em Pascal, tomando por paradigma os *Três Discursos sobre a Condição dos Grandes*, a "edificação" pela exemplaridade moral é conclusão de uma articulação capaz de demolir a fundamentação política e a "ordem histórica" visto que esfacela o direito divino, natural e "de mérito" dos Reis: *"Não evitais vos perder, mas ao menos perderei-vos como homem honesto. Há pessoas que se danam tão neciamente, pela avareza, pela brutalidade, pelo deboche, pela violência, pelo furor! O meio que vos ofereço é sem dúvida mais honesto."*⁶⁰ Em Camus, o engajamento pelos "valores exemplares"⁶¹ é também oriundo de um diagnóstico fatal, um último recurso contra a engrenagem da violência que se alastra: *"Nós estamos no limiar, será a morte ou uma nova civilização; e nossa geração, quero dizer, àqueles que estão vivos hoje, é que devem prepará-la."*⁶²*

Se Montaigne contrapõe ao vasto elenco de hábitos pútridos dos governantes o paradigma moral do bem sucedido general Epaminondas - *"...senhor tão indiscutível da guerra que a forçava a inclinar-se ante sua bondade"*⁶³ Camus opõe, ao monstro frio dos Estados calculado pela álgebra

⁵⁶ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

⁵⁷ PASCAL, B. *Pensées*. L.233-Br.418

⁵⁸ MONTAIGNE, M. *Ensaio, III- Do útil e do honesto*. p.371.

⁵⁹ "[...] a pensar que, mesmo contra o inimigo, nem tudo é permitido." (MONTAIGNE, M. *Ensaio, III- Do útil e do honesto*. p.371)

⁶⁰ PASCAL, B. *Les Trois discours sur la condition des grands*. Intégrale.p.368.

⁶¹ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 682.

⁶² CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 682.

⁶³ MONTAIGNE, M. *Ensaio, III- Do útil e do honesto*. p.371.

do realismo político, o exemplo da "comunidade Barbu"⁶⁴, fundada por Michel Barbu que, "*cansado de esperar cinco gerações pelo triunfo da história*"⁶⁵, em 1944, cede seus direitos de propriedade aos seus trabalhadores, constituindo uma experiência de trabalho cooperativo, fundado nos valores da solidariedade e dignidade: "*É uma impressionante marca da vontade de indivíduos que se desolidarizam com o que há de mal e continuam na sociedade o que há de bom. É uma posição que tenta manter o que há de válido...*"⁶⁶ Como podemos notar por um trecho do esboço de *Nem vítimas nem carrascos*, para Camus, a comunidade Barbu exemplifica – vejam que apenas exemplificam - seu engajamento alternativo, pois zela pela reconstrução do presente e não fundamenta seu sacrifício por uma escatologia da história, "*ela, pelo menos, durante oito anos subtraiu alguns refens da miséria do mundo. Ela não prometeu em quatro gerações estabelecer a dignidade e a paz interior a todos estes trabalhadores, ela lhes deu e lhes dá durante todos esses anos...*"⁶⁷

É com esta expectativa, de reconstrução das condições de uma vida digna, que Camus exprime em *Nem vítimas nem carrascos*, a alternativa de desenvolver um "*movimento pela paz(...)articulado do interior das nações a partir de comunidades de trabalho e comunidades de reflexão, por sobre as fronteiras; as primeiras, apoiadas em contratos acordados pelo modo cooperativo socorreriam(soulageraient) o maior número possível de indivíduos, e as segundas, tentariam definir os valores de que viverá esta ordem internacional ao mesmo tempo que advogam por ela, em todas as ocasiões...*"⁶⁸

Assim, embora Camus possua um diagnóstico pessimista *in extremis* da condição humana, incluindo aí sua dimensão política, seu esforço é o de "*conciliar um pensamento pessimista e uma ação otimista*"⁶⁹, é neste sentido que, na mesa-redonda de *Civilization*, rejeita, ao menos em parte, a acusação de Georges Friedmann: "*Eu não sou tão pessimista.*"⁷⁰

Camus visa estabelecer a possibilidade de um engajamento humanista condizente à realidade pós-Hiroshima, que tentaria fundar as condições da procura de um estilo de vida alternativo⁷¹: "*Nós temos todos que construir, fora dos partidos e dos governos, comunidades de reflexão que iniciarão o diálogo através das nações e que afirmarão pelas suas vidas e seus*

⁶⁴ É bastante interessante o comentário de Du Teil que devota à *communauté Barbu* – depois chamada de *communauté Boimondau* – o mesmo respeito que Camus: DU TEIL, R. *Communauté de travail, l'expérience révolutionnaire de Marcel Barbu*, Paris, PUF, 1949. No *Homem Revoltado*, o autor se aterá ao exemplo do engajamento sindical como forma de luta pela construção da justiça social. (CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 682.)

⁶⁵ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 685.

⁶⁶ Num trecho dos rascunhos de *Nem vítimas nem carrascos* Camus refere-se longamente sobre a comunidade Barbu: "*o tipo de sociedade contratual que repensa nossa sociedade até no modo de produção encontra, em efeito, uma excelente ilustração tal com a concebeu e realizou Marcel Barbu, em Valença. Ela comporta 150 homens de todos os credos (marxistas, cristãos, sem partido) que se declaram felizes...*"(CAMUS, A. *Camus à Combat*.p. 637.)

⁶⁷ "[...] a liberação definitiva depende da reforma internacional. Mas experiências como a de Marcel Barbu, que cria um tipo de relação humana saído da livre decisão dos homens, respeitoso das diferenças e da liberdade nos mostra que, aguardando, nos é possível realizar algumas conquistas provisórias sobre a desordem e ódio universais." (CAMUS, A. *Camus à Combat*.pp. 637-8.)

⁶⁸ CAMUS, A. *Camus à Combat*.p. 637.

⁶⁹ CAMUS, A. *La crise de L'Homme. Oeuvres Complètes*, II. p. 744.

⁷⁰ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, II. p. 681.

⁷¹ "[...] é bem evidente que não se trataria de edificar uma nova ideologia. Se trataria somente de procurar um estilo de vida."(CAMUS, A. *Ni victimes ni bourreaux. Camus à Combat*. p.638)

discursos que este mundo deve parar de ser dos policiais, dos soldados e do dinheiro para tornar-se o mundo do homem e da mulher, do trabalho fecundo e do lazer refletido."⁷²

Para Camus, é este engajamento *alternativo* por um novo estilo de vida que é preciso ser "fundado" e "ilustrado."⁷³

Como já prenunciava *O Mito de Sísifo* - "*a grandeza mudou de campo.*"⁷⁴ O "conquistador" lúcido, no horizonte terrível que se delinea, procurará conquistar o que interessa. O único engajamento lúcido é o que se dispõe a tentar preservar a vida: "*Todas as nossas disputas são vãs. Uma única coisa importa que é a paz.*"⁷⁵

É como se Camus opusesse aos seus pares filósofos da mesa-redonda de *Civilization* de 1946, o esforço que Pascal contrapunha aos *Grandes* em sua conferência em Port-Royal no primeiro trimestre de 1660, "Espelho de Príncipe" invertido e relação a Maquiavel, dedicado ao filho do Duque de Luynes: "*...me basta vos desviar das vias brutais nas quais vejo muitas pessoas de vossa condição se deixarem levar por não conhecer o estado verdadeiro dessa condição.*"⁷⁶

Não será desinteressante nos determos, ainda que rapidamente, no relato da réplica de Merleau-Ponty ao pronunciamento de Camus no debate proposto por *Civilization*, através do qual podemos notar a incompreensão sofrida pelo pensamento de Camus confrontada com uma audiência cultivada e afinada e com as esperanças do Grande Racionalismo: "*Merleau-Ponty se pergunta, se Camus, de quem ele aprecia a modéstia das proposições, traz realmente uma solução ou se ele sobretudo recai, recomendando uma atitude apolítica, na guerra do individualismo que ele pretende banir(...)*«Se não procuramos encontrar uma forma de Estado organizado, resvalamos na pura moral»⁷⁷

Camus responde de maneira bastante lacônica, por intermédio do que podemos notar que, embora modesto, o engajamento de Camus se mostra, no entanto, inflexível em relação a articulação que propõe entre a política e o universo das intenções morais: "*Queremos ou não salvar o indivíduo? Se queremos, na minha opinião, recusamos o assassinato(...)**a política do realismo, seja ela de direita ou de esquerda, leva ao assassinato.*"⁷⁸

Camus detecta que está na perda da dimensão efetivamente humana, uma perda coletiva das razões de viver, a razão profunda do colapso de sua época: "*Nós vivemos no terror porque a persuasão não é mais possível, porque o homem foi abandonado inteiramente à história e ele não pode se voltar para esta parte dele mesmo, tão verdadeira quanto a parte histórica, e que ele reencontra diante da beleza do mundo e dos rostos; porque vivemos no mundo da abstração, dos carrascos e das máquinas, das idéias absolutas e do messianismo sem nuances.*"⁷⁹

⁷² CAMUS, A. *La crise de L'Homme. Oeuvres Complètes, II.* p. 746.

⁷³ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II. Carnets. Cahier V.*p.1073-4.

⁷⁴ CAMUS, A. *Le Mythe de Sisyphe.*p.166.

⁷⁵ CAMUS, A. *Nous autres meurtriers. Oeuvres Complètes, II.* p. 687.

⁷⁶ PASCAL, B. *Les Trois discours sur la condition des grands. Troisième Discours.* Intégrale.p.368.

⁷⁷ Merleau-Ponty retoma a recriminação que, segundo Beauvoir, Sartre faz de Camus: "*Um dia Sartre o havia recriminado (a Camus) esta confusão: "«Combat faz muita moral e não faz política o bastante».*"(BEAUVOIR, S. *La force de choses.*p.152.)

⁷⁸ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II.* p. 683.

⁷⁹ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.611. *Combat 19 novembre 1946.* (E, 332.)(OC, p.437).

Entre inimigos que se dilaceram em vista de concepções de futuro, silenciados pelos discursos blindados pelo maniqueísmo, Camus denuncia a "conspiração do silêncio"⁸⁰ e apela pela humanização do diálogo, revigorado pela conscientização comum de que a existência humana frágil possui uma dimensão interrogante: "*Nós sufocamos entre pessoas que crêem ter absolutamente razão, seja em suas máquinas, seja em suas idéias. Para todos àqueles que não podem viver senão no diálogo e na amizade dos homens, este silêncio é o fim do mundo.*"⁸¹

A alternativa que Camus assume se contrapõe às "ideologias assassinas" e reúne àqueles que, segundo ele, estão "*fartos de violência e mentira*", e "*repugnam matar seus iguais*"⁸².

Do ponto de vista da responsabilidade do intelectual, para Camus, vencer a técnica do "medo", significa, então, testemunhar a injustiça de ambos os lados da "trincheira", cruzando o fosso que separa as ideologias e que impõe o silêncio comedido diante da injustiça: "*«Vocês não devem falar da depuração dos artistas, na Rússia, porque disto se aproveitaria à reação.» «Vocês devem se calar sobre o apoio dos Anglo-Saxões à Franco, porque o comunismo se aproveitaria disto.*"⁸³

Os objetivos de Camus, cruzar o fosso que a *idéia - fixa* das ideologias cava, desumanizando o outro e cavando novos fossos, na medida em que as ideologias facilmente identificam "outros" em meio a si mesmos.

Evitar a normatização da indiferença e do assassinato, recusar a configuração macabra que escolhe sua época. Enfim, recusar peremptoriamente "*um mundo no qual o assassinato é legítimo e a vida humana considerada fútil.*"⁸⁴

Camus apela para um esforço de reconhecimento mútuo, no qual a conscientização da fragilidade humana seja o denominador comum. *Sauver les corps*, artigo seguinte de *Nem vítimas nem carrascos*, procura restaurar o caráter transgressor do assassinato, restituindo-lhe seu horror e, sobretudo, negando-lhe a legitimidade e o referendo das idéias. Para tanto, ele exprime o elã de uma "utopia relativa", como comenta Jacqueline Lévi-Valensi, pois, afinal, rejeita o "*mundo tal como ele é*"⁸⁵: "*Em suma, gente como eu almejaria um mundo, não onde não se mate mais(não somos tão loucos)Mas no qual a morte não seja mais legítima...*"⁸⁶

⁸⁰ Lembremos que, segundo o Cahier V, este é um termo e uma exigência de Koestler. Cf. CAMUS, A. *Oeuvres Complètes. Carnets. Cahier V*.p.1074.(29,octobre)

⁸¹ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.610. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 332.)(OC, p.437).

⁸² CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.610. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 332.)(OC, p.437).

⁸³ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.610. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 332.)(OC, p.437). De um lado, Camus, quebrando a "conspiração do silêncio", sintetiza as constatações relatadas, tanto em *Zero e Infinito* de Koestler, quanto em *De volta da U.R.S.S* de Gide, nas quais os autores, em uníssono, denunciam à dissolução dos indivíduos frente ao "projeto de futuro" do totalitarismo stalinista: "*O espírito crítico não é mais adequado(...)O que se exige presentemente é a aceitação, o conformismo. O que se exige, é uma aprovação de tudo que é feito na U.R.S.S; o que o regime procura obter, é que esta aprovação seja, não resignada, mas sincera, entusiasta mesmo. E o mais impressionante, é que conseguem. Por outro lado, a menor crítica é passível das piores penas, e de resto, logo sufocada. E duvido que em outro país de hoje, salvo talvez na Alemanha de Hitler, o espírito seja menos livre, mais curvado, mais amedrontado(terrorizado), mais vassalizado.*"(GIDE, A. *Retour de l'U.R.S.S*. Paris. Gallimard, 1936.p. 67) De outro, Camus denuncia o liberalismo individualista capitalista e seu "fatalismo" economicista, que martiriza igualmente a singularidade humana reduzindo-a à sua dimensão produtiva. A ética capitalista protestante, neste sentido, para Camus, se traduz em termos humanos, na escravidão pelo trabalho.

⁸⁴ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.612. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 333.)(OC, p.438.)

⁸⁵ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.612. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 333.)(OC, p.438.) O trecho a que nos referimos talvez seja de alguma valia rememorar: "*Tendo um dia dito que não mais admitiria, depois da experiência desses dois últimos anos, nenhuma verdade que me pusesse na obrigação, direta ou indireta, de condenar um homem à morte, os espíritos que eu estimava outrora, me assinalaram que eu estava na utopia,*

É neste sentido que podemos compreender o texto de Camus como um ato em defesa de uma concepção rigorosa, e no limite, intransigente, da responsabilidade intelectual. Enquanto, em nome de uma moral da responsabilidade realista a revista *Les temps Modernes* legitima, no período, a violência revolucionária “progressiva”, Camus se insurge contra qualquer filosofia que colabore na legitimação do assassinato: o que se mostra inadmissível, como dissemos, é que, em *robe de chambre*, os filósofos, de seus escritórios, legitimem e incentivam o derramamento de sangue: sobretudo se é o sangue alheio que está em questão.

O fato é que, aos olhos de Camus, os filósofos do Quartier Latin “não possuem imaginação para a morte dos outros.”⁸⁷ *É um defeito de nosso século. Assim como se ama por telefone, e que se trabalha não mais sobre a matéria, mas sobre a máquina, se mata e se morre hoje por procuração. A ‘limpeza’(propreté) é conquistada, mas a consciência perdida.*”⁸⁸

Enquanto, a partir do *Deux Margots* ou do *Flore*, os filósofos da ação incentivam tecnicamente o assassinato coerente dos sacrifícios revolucionários, compensando sua inação por um furor teórico, Camus, que conhece bem mais de perto as exigências da história, encarnadas, seja na miséria do subúrbio da África do Norte aonde nasceu e se criou, seja nas alcovas da Resistência parisiense, esforça-se para construir uma salvaguarda filosófica da vida. Como ele próprio admite: “*Estamos aqui, em efeito, na utopia e na contradição. Pois nós vivemos, justamente, num mundo no qual a morte é legítima, e nós devemos mudá-lo se não o desejamos assim.*”⁸⁹

Contra a utopia de que a engrenagem da violência progressiva, ou dos regimes policiais quaisquer que eles sejam, instaurem a justiça terrestre, Camus contrasta sua utopia modesta e, portanto, “menos onerosa” - um mundo no qual a violência não seja mais legítima: “**A morte nos re-envia, pois, à morte e nós continuaremos a viver no terror, seja se o aceitarmos com resignação, seja se quisermos suprimi-lo com meios que o substituirão por um outro terror.**”⁹⁰(...) *É necessário concluir que, se pessoas como nós vivem na contradição, elas não são as únicas, e aqueles que acusam de utopia vivem quem sabe numa utopia diferente sem dúvida, porém, no fim, mais onerosa.*”⁹¹

O imperativo ético de “salvar os corpos”, “utopia em menor grau”, é erigido, portanto, contra as ideologias absolutas, contra as doutrinas de segurança de caráter interno e externo, contra os estados policiais que, à esquerda e à direita sacrificam os homens singulares à história, à eficácia, em virtude de suas diferentes concepções de ordem e de progresso: “*...as ideologias marxista e capitalista, ambos baseados na noção de progresso, ambos persuadidas que a*

que não haveria verdade política que um dia nos conduzisse a este extremismo, e que seria necessário, ou correr o risco deste extremismo, ou aceitar o mundo tal como ele é.”

⁸⁶ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.614. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 334.)(OC, p.439.)

⁸⁷ Esta é uma chave importante para compreender a dimensão ética da narrativa em Camus: À pobreza da experiência de seus pares universitários, Camus contrasta a experiência da pobreza (ou da miséria da história). Seria impossível não lembrar do Walter Benjamin do anos trinta. O projeto de descrever e sensibilizar - ampliar a imaginação - “para a morte dos outros”, será retomado em *O Estrangeiro* e, principalmente, em *A Peste*.

⁸⁸ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.614. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 334.)(OC, p.439.)

⁸⁹ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.614. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 334.)(OC, p.439.)

⁹⁰ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.614. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 334.)(OC, p.439.)

⁹¹ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.615. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 334.)(OC, p.439.)

aplicação de seus princípios devem conduzir fatalmente ao equilíbrio da sociedade, são utopias em grau bem mais forte. E mais, elas estão nos custando muito caro."⁹²

Camus delinea os termos do dilema do engajamento político da perspectiva do pós-guerra: "o combate que esse engajará nos anos que virão não se estabelecerá entre as forças da utopia e as da realidade, mas entre utopias diferentes que procuram se inserir no real, e entre as quais não se trata senão de escolher a menos onerosa."⁹³

Contra os que o acusam de socialista utópico, Camus responde: "Vê-se que a recusa da legitimação do assassinato não é mais utópica do que as atitudes realistas de hoje. Toda questão é de saber se estas últimas custarão mais ou menos caro."⁹⁴

Entre os que batalham às cegas, em nome de idéias pré-concebidas, entorno do furor de suas próprias ilusões, Camus interpõe, afinal, o esboço de um novo engajamento humanista.

Engajamento pela trégua civil, pelo reconhecimento mútuo, pela conscientização da fragilidade humana, finalmente, pela salvaguarda daquilo que no homem está para além dos interesses da ordem, do progresso, em suma, da história, "e que ele reencontra diante da beleza do mundo e dos rostos"⁹⁵: "Minha convicção é que nós não podemos mais possuir, razoavelmente, a esperança de tudo salvar, mas que nós podemos nos propor, ao menos, a salvar os corpos, para que o futuro seja possível."⁹⁶

Camus diz: "se trata, em resumo, de definir as condições de um pensamento político modesto, noutras palavras, liberto de todo messianismo, e desembaraçado da nostalgia do paraíso terrestre."⁹⁷

Assim, vale ressaltar, estes dois textos inaugurais de *Nem vítimas nem carrascos*, já enunciam os pontos cardeais do engajamento ético-filosófico camusiano, mas é o artigo publicado no *Combat* do dia seguinte, *O socialismo mistificado*, que demonstra o esforço de Camus de criticar a filosofia de endosso à política da eficácia.

Camus se mostra crítico de direto da herança de Maquiavel, quando pergunta se os socialistas da época, às voltas com o terror⁹⁸ de estado, devem, de fato, curvar-se ao princípio norteador do realismo político: "pois o terror não se legitima senão se admitimos o princípio: «O fim justifica os meios.»"⁹⁹

Camus critica o preceito chave do maquiavelismo reavivando uma discussão filosófica que dura mais de quinhentos anos; trata-se da contestação da precedência da eficácia, que o realismo aponta como horizonte inescapável da política: "Não se pode admitir este princípio senão postulando a eficácia de uma ação como seu fim absoluto, como é o caso nas ideologias niilistas(tudo é permitido, o importante é conseguir) ou nas filosofias que fazem da história um

⁹² CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.614. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 334.)(OC, p.439.)

⁹³ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.614-5. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 335.)(OC, p.439-40.)

⁹⁴ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.615-6. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 335.)(OC, p.440.)

⁹⁵ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.611. *Combat 19 novembre 1946*. (E, 332.)(OC, p.437.)

⁹⁶ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.614-5. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 335.)(OC, p.440.)

⁹⁷ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.616. *Combat 20 novembre 1946*. (E, 335.)(OC, p.440.)

⁹⁸ Camus, de fato tem por rival o terror. Contudo, "terror", para Camus, significa, sobretudo terrorismo de Estado. É triste notar que esta dimensão do termo "terror" foi abolida do vocabulário mundial da atualidade do terceiro milênio. A reprogramação neurolinguística-midiática nos vela que a violência de estado é também, e sobretudo ela, "terrorista".

⁹⁹ CAMUS, A . *Camus à Combat*, p.617. *Combat 21 novembre 1946*. (E, 336.)(OC, p.441.)

absoluto(Hegel, depois Marx: sendo o fim a sociedade sem classes, tudo que a ela conduza, é bom)."

Para Camus, neste ponto, discípulo de Montaigne, também "é um erro julgar a beleza e a grandeza de uma ação pela sua utilidade e imaginar que devemos fazer e considerar honesto tudo que é útil."¹⁰⁰

Camus se dirige aos seus pares socialistas, lembrando seus vínculos humanistas mais íntimos, anteriores ao verniz impermeabilizante das políticas da eficácia: Eles aceitarão, como fazem os "comunistas", e "como gostaria sua filosofia", exercer eles mesmos a violência em nome da "lógica da história"?¹⁰¹ Matar, deportar e calar, pelo dever a um Estado instaurado em nome de uma filosofia da história que se pretende "absolutamente verdadeira"?¹⁰²

Ora, diria Montaigne, "há regras falsas e muito elásticas na filosofia."¹⁰³ Camus, ratifica esta "desconfiança do conceito" em *O Homem Revoltado* denunciando os crimes de lógica como políticas de estado endossadas pelas filosofias da história e pelas doutrinas da eficácia: "Há crimes de paixão e crimes de lógica. O código penal distingue um do outro, bastante comodamente, pela premeditação. Estamos na época da premeditação e do crime perfeito. Nossos criminosos não são mais aquelas crianças desarmadas que invocavam a desculpa do amor. São, ao contrário, adultos, e seu alibi é irrefutável: a **filosofia** pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes."¹⁰⁴

O editor de *Combat* ressalta que os preceitos íntimos dos socialistas, ou, noutras palavras, suas concepções, partilhadas, de um mundo honesto – isto é, justo e equilibrado – são absolutamente contraditórias com os métodos empregados pelas tiranias comunistas de seu tempo: se os valores humanistas do socialismo são "fundamentados" no anseio primordial de justiça e no elã de liberdade, então, a ideologia marxista, que se pretende verdade absoluta, é uma impostura: "Os comunistas estão fundamentados razoavelmente a utilizar a mentira e a violência, que não querem os socialistas."¹⁰⁵

Camus considera que as convicções humanistas do socialismo não podem ser abandonadas em razão da "dialética irrefutável" das filosofias da eficácia que promovem a violência como técnica de progresso histórico ou de conservação da ordem nos Estados.

Camus apela para que os socialistas abandonem a dialética inflexível da concepção finalista da história que "ludibria a justiça" e "suprime de antemão a liberdade"¹⁰⁶, em detrimento da "tênue esperança"¹⁰⁷ de elaboração paciente uma sociedade constituída pela consciência da fragilidade do homem, "feliz e digna"¹⁰⁸ no qual "os homens sejam livres, numa sociedade justa."¹⁰⁹

¹⁰⁰ MONTAIGNE, M. *Ensaio III – Do útil e do honesto*. p.371. Montaigne, na época, está entre as leituras de Camus, como atesta o *Cahier V*, p.1081.

¹⁰¹ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.617. *Combat 21 novembre 1946*. (E, 336.)(OC, p.441.)

¹⁰² CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.619. *Combat 21 novembre 1946*. (E, 336.)(OC, p.441.)

¹⁰³ MONTAIGNE, M. *Ensaio III – Do útil e do honesto*. p.370.

¹⁰⁴ CAMUS, A. *L'Homme Revolté*. (Doravante HR, 413).

¹⁰⁵ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.619. *Combat 21 novembre 1946*. (E, 336.)(OC, p.441.)

¹⁰⁶ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.620. *Combat 21 novembre 1946*. (E, 338.)(OC, p.442.)

¹⁰⁷ "Faible espoir"(p.620)

¹⁰⁸ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.620. *Combat 21 novembre 1946*. (E, 338.)(OC, p.442.)

¹⁰⁹ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.620. *Combat 21 novembre 1946*. (E, 338.)(OC, p.442.)

Camus desvincula o socialismo, fundado na exigência de dignos preceitos morais originários, do "comunismo" marxista em aplicação – segundo ele, com ecos de um maquiavelismo messiânico – propondo perseguir a realização de uma "utopia" socialista "mais modesta": uma sociedade na qual o assassinato não seja mais legítimo, aonde o crime conserve sua dimensão de horror, de transgressão absoluta.

É um engajamento modesto, mas que se traduz em termos de uma responsabilidade intelectual intransigente: **o pensamento não pode trabalhar em prol da morte.**

Trata-se de **suprimir**, os **pretextos intelectuais** para a aniquilação "do outro": seja ele "oponente" ou "inimigo". Recusar, pois, à legitimação e normatização intelectual da morte, sob o pretexto da eficácia política, da coerência filosófica ou do "reino dos fins".

É preciso negar-se a alimentar o moto-contínuo da crueldade e da indiferença e admitir - reverberando os ecos de Montaigne no pensamento de Camus - que "*mesmo contra o inimigo, nem tudo é permitido.*"¹¹⁰

Vale ainda ressaltar, talvez, o lúcido presságio de Camus sobre o crepúsculo da época das idéias absolutas: falência da esperança de uma racionalidade absoluta da história que é um dos primeiros a testemunhar. Segundo o editorialista de *Combat*, se seus pares escolherem permanecer na esperança messiânica de um idílio sobre a terra fundada em idéias de justiça e de futuro pré-concebidas, "*este tempo demonstrará o fim das ideologias, a saber, das utopias absolutas que se destroem elas mesmas, na história, pelo preço que acabam por custar.*"¹¹¹

Assim, às acusações de "moralismo" e de "a-politismo" lançadas por Merleau-Ponty durante o debate em *Civilization*, Camus responde bastante laconicamente diante dos argumentos que cultiva contra esta política, isto é, contra a política da eficácia como projeto moderno. No entanto, sua resposta revela de maneira *exemplar* o tom intransigente de seu engajamento intelectual pela restauração dos valores necessários à construção de uma política associada definitivamente à moral e à construção de um presente efetivamente plural fundado não apenas no conhecimento efetivo da política, mas, sobretudo, no reconhecimento "afetivo" das alteridades envolvidas nas relações políticas (um dos temas centrais de *A Peste*): "*Não pretendo que vivamos retirados em nossa casa de campo estudando os Antigos. Eu pretendo que permaneçamos na vida e na política, que em cada lugar testemunhemos, mas que este testemunho seja ao mesmo tempo que nosso, o de muitos.*"¹¹²

Camus finaliza sua resposta a Merleau-Ponty fornecendo assim um extremamente valioso prisma que permite orientar eticamente seus múltiplos espectros expressivos: "*E, se eu empreguei o termo **prédication**, não foi inutilmente.*"¹¹³

Para Camus, "deixar o útil pelo honesto", não é uma prova de ingenuidade, como compreendem Maquiavel e seus herdeiros, mas de realismo político como entendem Montaigne e seus herdeiros contemporâneos que, afinal, cultivam a busca lúcida de uma síntese entre moral e política.

Trata-se da estratégia política do honesto em face do útil.

¹¹⁰ MONTAIGNE, M. *Ensaio III – Do útil e do honesto*. p.371.

¹¹¹ CAMUS, A. *Camus à Combat*, p.621. *Combat* 21 novembre 1946. (E, 338.)(OC, p.443.)

¹¹² CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 683.

¹¹³ CAMUS, A. *Oeuvres Complètes, II*. p. 683.

Referências

BEAUVOIR, S. *La force des choses*. Gallimard. Paris, 1947.

CAMUS, A. *Oeuvres Complètes*, I -II. Gallimard. 2006.

_____. *Théâtre, Récits, Nouvelles*, Gallimard. 1963.

_____. *Essais*. Gallimard, Pleyade, 1963.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo, Abril, 1983.

MATOS, O-C. *A narrativa: metáfora e liberdade* in *O avesso da liberdade*(org.Adauto Novaes).Cia das Letras, 2002.

MONTAIGNE, M. *Ensaio III – Do útil e do honesto*. São Paulo. São Paulo, Abril, 1983.,

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo, Abril, 1984..

NIETZSCHE, F. *Sobre a verdade e a mentira no senso extra-moral* in *Obras Incompletas*. São Paulo, Abril, 1983.